



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

O ROSÁRIO, A VIRGEM E O DEMÔNIO: FREI NICOLAU DIAS E O DISCURSO EM PROMOÇÃO À DEVOÇÃO DO ROSÁRIO DA VIRGEM MARIA

André Rocha Cordeiro¹

Doutorando em História (PPH-UEM) e Pesquisador do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR-UEM), Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá – Paraná.

RESUMO

O presente texto tem por objetivo apresentar uma das discussões realizadas durante a pesquisa de mestrado em história referente ao discurso construído pelo frade dominicano Nicolau Dias em promoção à devoção do Rosário da Virgem Maria. A discussão que aqui apresentaremos versará sobre a construção do discurso de Dias (1573) e as operações sagradas realizadas por meio do Rosário contra os males demoníacos. Para tanto parte-se da obra *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, de autoria do referido frade dominicano, impressa na casa de Francisco Correa e publicada no ano de 1573, em Lisboa, Portugal. Metodologicamente pautamos nossa pesquisa nas discussões acerca da construção de narrativas hagiográficas de Michel de Certeau (1982) e Gerardo Fabián Rodríguez (2012), bem como as reflexões sobre análises discursivas a partir de Eni Orlandi (2003). Compreendendo que todo documento é fruto de um período histórico e que apresenta intenções de um autor que o produz, nossa pesquisa, analisou a construção discursiva do autor do *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573) em consonância com o contexto histórico que o mesmo viveu e dos “lugares sociais” (CERTEAU, 1982) que ocupou e se fez representante. Após pesquisas e análises realizadas observou-se que diante de um cenário de disputa por bens de salvação, Nicolau Dias (1573) construiu uma narrativa em defesa do Rosário da Ordem dos Pregadores e para tanto se utilizou que alguns recursos narrativos de convencimento e promoção da devoção mariana, dentre eles a utilização das figuras da Virgem Maria e do Demônio.

PALAVRAS-CHAVE: Demônio; Frei Nicolau Dias; Hagiografia; Rosário; Virgem Maria.

1 INTRODUÇÃO

O Rosário é um instrumento religioso católico que, segundo a tradição católica, teria sido entregue pela Virgem Maria à São Domingos de Gusmão, durante o período em que este último estava realizando suas pregações contra os Cátaros, na região do monte Albi, no sul da França. Embora não seja algo consensual tal atribuição de gênese do Rosário, como apontam os estudos de Anne Vail (1998), no discurso religioso oficial, até o presente, momento São Domingos é considerado o “grande difusor do Rosário” católico (BENTO XVI, 2010). Instrumento que se faz identidade e um dos vários símbolos católicos, o Rosário foi e permanece sendo temática de diferentes discursos: exposições artísticas (como as exposições “Rosário uma devoção popular”, do Museu de Arte Sacra de Belo Horizonte, e “Desenhando com terços”, da artista plástica Márcia X), canções (como a canção religiosa “O bendito Rosário”, do Missal Dominicano Popular) e principalmente livros religiosos (O Rosário da Virgem Maria, dos sacerdotes João Henrique e Antonello Cadeddu, publicado em 2010; Tratado da Verdadeira Devoção a Santíssima Virgem”, escrito em 1712, por São Luís Maria Grignon de Montfort; entre outros).

Em nossa pesquisa vertemos nosso olhar para um desses diversos discursos que abordam o Rosário como temática, mais especificadamente o discurso escrito. Dentre os vários documentos escritos de cunho religioso que possuem tal temática elegemos, enquanto fonte de pesquisa, a obra de Frei Nicolau Dias intitulada *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, impressa na casa de Francisco Correa, no ano de 1573, na cidade de Lisboa, Portugal.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Fr.¹ Nicolau Dias (152?-1596), foi um português, que se fez frade dominicano, mestre em teologia e sacerdote pregador da Ordem dos Pregadores. Sobre as informações acerca do seu nascimento não existe um consenso, sendo que estipula-se duas datas possíveis: 1520 ou 1525 (MARGERIE, 1991; 1994; MARQUES, 2010). Com pouco mais de 20 anos Fr. Nicolau Dias teria concluído sua formação em Estudos Gerais, no Convento de São Domingos de Lisboa, e realizado sua profissão de votos religiosos em 02 de junho de 1541. Já no ano de 1571, ao torna-se padre-mestre em teologia, Dias teria lecionado e formado jovens dominicanos portugueses (ROLO, 1982; MARQUES, 2010).

Em 1571, ano no qual realizou-se o Capítulo Geral da Ordem dos Pregadores, na cidade de Roma, Fr. Nicolau Dias participou enquanto delegado da Província Portuguesa dos Dominicanos. Em tal evento histórico teve contato com o pontífice dominicano Pio V (1566-1572), chamado de o “papa do rosário”, e, possivelmente, se inspirou para escrever o *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, no ano de 1573 (ROLO, 1982, p. 1). Em 1574, possivelmente, Dias realizou sua viagem para Jerusalém, a “Terra Santa” para os católicos, que o iluminou para escrita posterior do *Tratado sobre a Jornada na Terra Santa* (CORDEIRO, 2017).

No ano de dias difíceis e “de má memória para o patriotismo luso” (MARQUES, 2010, p. 208), ou seja, 1580, Dias, que ocupava o cargo de prior² do Mosteiro Nossa Senhora da Misericórdia de Aveiro, se fez defensor de D. António, prior do Crato e filho ilegítimo do Infante D. Luís de Avis - duque de Beja (1506-1555), para a sucessão dinástica portuguesa (MARQUES, 2010). Tal envolvimento com as questões dinásticas, por parte de Fr. Nicolau Dias, não foi bem aceito pelo arcebispado de Lisboa que proibiu o mesmo dos ofícios da pregação e confissão³.

Medida esta que não impedira o dominicano de pronunciar um sermão em que dissera tais coisas, “tão feias e desordenadas”, como corria em público. Fora até por motivo desta denúncia que o Cardeal-Rei D. Henrique mandou levantar-lhe um auto e o remeteu ao seu superior religioso para que lhe impusesse a pena julgada merecida (MARQUES, 2010, p. 214).

Neste período histórico, considerado delicado e tenso na História de Portugal, D. Filipe II, da Espanha, ordenou que todos os frades dominicanos se professassem partidários de D. António fosse perseguidos e exilados do reino (ROLO, 1982; MARGERIE, 1995; MARQUES, 2010). Fr. Nicolau Dias, Fr. Luís de Sotomaior⁴, Fr. Francisco Foreiro⁵, Fr. António de S. Domingos⁶, Fr. Manuel

1 Abreviatura de *frade* ou *frei*. A abreviação, ordinariamente, precede os nomes dos indivíduos que são frades ou cavaleiros de alguma ordem religiosa e militar. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/frei.html>. Acesso em: 20/09/2016. Utilizaremos doravante para nos referirmos a frade e/ou frei.

2 Prior, substantivo masculino, correspondente à superior de uma ordem religiosa ou militar (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.1552), no caso: Superior Conventual da Ordem dos Pregadores. Ao prior são conferidos o poder ordinário e o governo de um convento, possuindo o direito sobre questões internas e externas dos frades inscritos na região conventual. Cabe aos priores conventuais promover uma vida apostólica e fraterna; suprir as necessidades da comunidade fraterna; e inspecionar o cumprimento dos deveres por partes dos frades (LCO, OP, 2010, p. 115-117).

3 Importante ressaltar que em 1516 o Papa Leão X (1513-1521) coloca sob autoridade episcopal, de cada região pastoral/diocese, todos os religiosos, até mesmo os mendicantes que deviam obediência ao mestre da Ordem (DANIEL-ROPS, 1999, p. 22). Essa determinação papal se relacionava com toda atividade e exercício do ministério exterior, desse modo, é nesse contexto que se insere a proibição do arcebispo de Lisboa a Nicolau Dias nos que diz respeito aos ofícios da pregação e confissão.

4 Fr. Luis de Sotomaior foi confrade da Ordem dos Pregadores, catedrático de Sagrada Escritura e célebre biblista conimbricense (MARQUES, 2010, p. 213-214).

5 Fr. Francisco Foreiro (1523-1581) foi fundador do Convento São Paulo, em Almada (Portugal), e célebre teólogo tridentino (MARQUES, 2010, p. 214). O referido convento religioso foi fundado no ano de 1569. Disponível em: <http://www.smspaulo.diocese-setubal.pt/>. Acesso: 20/09/2016.

6 Fr. António de S. Domingos (1531-1596) foi teólogo na Universidade de Coimbra, “brilhante comentador de São Tomás de Aquino” (MARQUES, 2010, p. 214) e pregador das Exéquias da Rainha D. Catarina (1507-1578) e do Cardeal-Rei D.



da Costa e Fr. Estevão de Sampaio foram alguns dos frades dominicanos que sofreram as sanções de D. Filipe II. Dias foi enviado para o exílio no Mosteiro Santa Maria de Neiva, em Salamanca, Espanha (ROLO, 1982; ROLO, 2000; MARQUES, 2010).

Posteriormente no perdão geral concedido por Filipe II⁷, “apareceram excluídos os religiosos dominicanos: Manoel Costa, Estevão Leitão, Luís Sotomaior, Nicolau Dias e António de Sena, todas figuras de proa da província portuguesa” (MARQUES, 2010, p. 215). Dias sofreu alguns anos com o exílio em território espanhol e retornou, já nos anos finais de sua vida, para o mosteiro de São Domingos, em Lisboa, no qual faleceu em 06 de fevereiro de 1596.

No que concerne as discussões acerca das produções de Fr. Nicolau Dias, o mesmo é reconhecido pela historiografia portuguesa e brasileira como produtor de obras religiosas, especialmente de algumas consideradas clássicas da literatura lusitana (MARGERIE, 1991). Dentre as obras religiosas de Dias destacamos: o *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573) e o *Tratado da Paixão de Cristo Nosso Senhor Jesus* (1580). Também lhe foi concedida a autoria de *Vida da Sereníssima Princesa Dona Joana* (1585), de *Tratado sobre o Juízo Final*, as *Excelências de S. João Baptista e Peregrinação à Terra Santa* (ROLO, 1982, p. 1).

Com relação ao *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), conforme já declarado, este fora produzido após o encontro de Dias com o papa Pio V (1566-1572). Nesse período, século XVI, a Igreja Católica empreendia a sua Reforma, cujo o principal objetivo era retomar a hegemonia que havia perdido no campo religioso europeu, com o surgimento das diferentes denominações protestantes (CORDEIRO, 2017).

2 MATERIAL E MÉTODOS

A obra *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), é um documento escrito de cunho religioso e dedicado a devoção do Rosário da Virgem Maria, composto por quatro livros e tem enquanto objetivo principal a pretensão de conduzir o leitor a adesão da devoção do rosário, conforme os preceitos da Igreja Católica, especialmente àqueles difundidos pela Reforma Católica.

No *Livro Primeiro* o autor apresenta a narrativa de “fundação” da devoção do Rosário – a partir da manifestação da Virgem Maria à São Domingos de Gusmão –, a configuração da confraria mariana da devoção, as formas como ocorreram a expansão devocional, os nomes que recebeu e as orações que compõem o Rosário: o Pai Nosso e a Ave Maria. Por sua vez, o *Livro Segundo*, dedicado aos mistérios do rosário, é formado pelas reflexões dos mistérios ou estações do Rosário a partir da base bíblica-teológica. Nele, a narrativa, expressa de forma didática, apresenta cada mistério que compõe o Rosário dividido em três momentos específicos: “síntese do mistério evangélico, série de sugestões meditativas recheadas de referências à Sagrada Escritura e aplicação conclusiva como fruto espiritual ou reflexão a tomar pelo devoto.” (ROLO, 1982, p. 4).

O *Livro Terceiro* das indulgências, como o título já nomina, é dedicado às concessões papais e episcopais, dadas aos que seguem a devoção do Rosário, especialmente os confrades. São apresentadas as bulas papais dos Papas Sixto IV⁵(1471-1484), Inocêncio VIII 6(1484-1492), Alexandre VI⁷ (1492-1503), Leão X⁸ (1513-1521), Clemente VII⁹ (1523-1534), Paulo III¹⁰ (1534-1547), Júlio III¹¹ (1550-1555), Pio IV¹²(1559-1565), Pio V¹³(1566-1572), Paulo III¹⁴(1534-1549) e João XXII¹⁵(1316-1334). No quarto, e último livro, composto por hagiografias, são narrados milagres operados por Deus a “todos os devotos” do Rosário. Fr. Nicolau Dias (1573), se alicerçou em três obras dedicadas ao Rosário e produzidas anteriormente, sendo os livros devocionais de Fr. Alano da

Henrique (1512-1580) (MARQUES, 2010, p. 214).

7 O perdão geral de Filipe II foi fixado na “portaria do Convento de Cristo, em Tomar [em Portugal], a 18 de Abril de 1581” (MARQUES, 2010, p. 214-215).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Rocha, Fr. Alberto do Castelo ou Alberto Castelano e Fr. Jerónimo de Taix. Para a presente discussão abordaremos algumas hagiografias que compõem o *Livro Quarto*.

Metodologicamente partimos das reflexões de Michel de Certeau (1982) e Gerardo Fabián Rodríguez (2012) sobre a tipologia narrativa da hagiografia. Segundo os autores a referida tipologia textual privilegia os atores do sagrado, santos e santas, e tem por missão edificar ou dar exemplo, exemplaridade (CERTEAU, 1982). A hagiografia está na extremidade da historiografia, nela os fatos narrados são significantes a uma verdade posta que constrói uma organização “edificando” sua manifestação. (CERTEAU, 1982, p. 266). As hagiografias permitem compreender práticas cotidianas por meio de elementos, interações construídas e pelos personagens inseridos na narrativa sagradas. (RODRÍGUEZ, 2012). Tais características textuais são marcadamente expressas no *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), evidenciando que a pretensão de Nicolau Dias era apresentar o quão exemplar era a devoção mariana do rosário e a importância da fé católica à Virgem Maria.

Além disso segundo Michel de Certeau (1982, p. 267), a narrativa hagiográfica, fundamenta-se em um discurso que pretende edificar uma personagem, no caso o santo ou a santa. Nela o indivíduo possui menor relevância diante da função e tipo de representação que assume na sociedade. Uma imagem é construída por meio de elementos semânticos, na qual uma origem nobre é dada com a finalidade de enaltecer o santo. Essa nobreza não está relacionada diretamente às questões econômicas, mas antes nas virtudes. “Cada vida de santo deve ser antes considerada como sistema que organiza uma *manifestação* graças à combinação topológica de “virtudes” e de “milagres”.” (CERTEAU, 1982, p. 267).

A partir de tais referenciais teóricos e metodológicos analisamos quatro hagiográficas, das quarenta e cinco “histórias sagradas” que compõem o *Livro Quarto em que se contam alguns milagres* (DIAS, 1573, p. 289-383), sendo: *Como por virtude do Rosário se reformaram os bons costumes de um mosteiro* (DIAS, 1573, p. 300-304), *Como por virtude do Rosário sarou uma endemoninhada* (DIAS, 1573, p. 316-318), *Como um homem atormentado do Demônio que sarou por virtude do Rosário* (DIAS, 1573, p. 319-320), e *Como um homem que se tinha dado ao Demônio, foi livre por virtude do Rosário* (DIAS, 1573, p. 321-325). A escolha das mesmas se pautou nas personagens sagradas que estas apresentam: a Virgem Maria e o Demônio. Além disso, a eleição das mesmas se fez na perspectiva que refletir sobre o uso que Fr. Nicolau Dias fez da narrativa hagiográfica, com a finalidade de formalizar a prática da devoção do Rosário ao construir uma trama contrapondo as ações do Demônio com as ações da Virgem Maria por meio do seu Rosário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendendo que “[...] o relato hagiográfico obedece a regras precisas, estabelecidas e legadas pelos Pais da Igreja, que instituíram a história do povo cristão na sua marcha para a salvação” (PEREIRA, 2007, p. 168), nosso maior objetivo foi compreender o uso das narrativas hagiográficas enquanto recurso pedagógico de transmissão de valores e de comportamentos feitas pelo frade dominicano Nicolau Dias, na obra *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), especialmente no contraponto estabelecido entre as ações operadas pela Virgem Maria e pelo Demônio. Cabe mensurar que ambas personagens – Virgem Maria e Demônio – perfazem a história do cristianismo, especialmente a partir do período medieval, a ponto de ser permitido ser pensar em um “complexo monoteísmo”, conforme defende Jérôme Baschet (2006, p. 325).

A oposição entre a Virgem Maria e o Demônio, não é uma exclusividade narrativa do *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573). Podemos mencionar, por exemplo, as hagiografias consignadas



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

em *Los Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo (1198-1264)⁸, sendo que nestas o Demônio foi retratado como um ser possuído de poliformia.

Fr. Nicolau Dias ao representar o Demônio em suas narrativas, o apresenta sem forma definida e com algumas características dos seres humanos, como os riso. Compreendemos, a partir disso, que Dias (1573), de certa maneira, configura-se enquanto um herdeiro das representações demoníacas enquanto “consciência individual”, já existentes na Idade Média Central. Segundo Jérôme Baschet (2006, p. 328), no referido período histórico, a crença no Demônio se expressava mais nas culpabilidades, atormentações e divisões provocadas pelas “consciências individuais”, do que propriamente sob uma forma física única. Reconhecendo em si o mal, que era preciso repelir, a consciência cristã atribui aos desejos negados dos desígnios tentadores do demônio. Tal concepção possibilitava ao demônio assumir e se apoderar de formas humanas e de expressar ou ser expressão de sentimentos humanos.

Na construção narrativa de Fr. Nicolau Dias o Demônio foi expresso enquanto um “espírito” perturbador da psique humana que se apoderava de corpos humanos, do que um ser de forma física definida. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 215). Embora a quantidade de hagiografias que abordem as ações demoníacas, contrapostas as da Virgem Maria e seu Rosário, seja pequena - aproximadamente 8,9 % das narrativas – estas nos auxiliaram na compreensão dos recursos de legitimação e de validação utilizados por Fr. Nicolau Dias para a promoção do Rosário. Ademais, asseveramos ser significativas as narrativas construídas contrapondo o “arqui-inimigo” de Deus, ou a divindade negativa do cristianismo, pois a danação e o medo do Demônio eram uma realidade do homem quinhentista. (DELUMEAU, 1967).

Diante desse contexto de medo da figura do Demônio, Fr. Nicolau Dias constrói um discurso no qual este ser sagrado, mesmo sendo detentor de um poder excepcional, não conseguia atormentar e atingir os fiéis que recitavam o Rosário da Virgem.

Conta o mesmo Padre fei [sic] Jeronimo no dito livro, que na Província de Aragão, da ordem de São Domingos, havia um Padre chamado frei João Amat, tão devoto do Rosário de nossa Senhora, que senão contentava com o rezar todo cada dia, e trazê-lo sempre ao pescoço, mas nas confissões e pregações, e práticas familiares, admoestava e induzia a todos que se fizessem confrades de nossa Senhora, e fossem muitos devotos do seu Rosário [...] Pregando este Padre numa Quaresma, em um lugar do Reino de Catalunha, que se chama as Borias brancas, três léguas da cidade de Lérida, entrou o demônio em uma moça e atormentava-a muito. Os clérigos esconjuravam-no que saísse dela, mas o demônio zombava disso. E estando-o esconjurando, chegou o dito Padre [frei João Amat], e começou também a esconjurar, especialmente por virtude do Santo Rosário, pondo-lhe ao pescoço. O demônio dava grandes gritos, queixando-se que *aqueles grãos o atormentava muito*. A noite seguinte estando o dito Padre recolhido, os demônios que atormentavam a moça vieram a ele, e começaram a mal tratar, trabalhando muito por lhe tirar o Rosário que o tinha. Ele como depois de nosso Senhor toda sua confiança tinha na Virgem gloriosa, e na devoção do Rosário, apertava-o fortemente, e não dizia outra coisa senão Virgem Maria do Rosário ajuda-me. E isto disse tantas vezes, até que os demônios o deixaram. Pela manhã indo o dito Padre para à igreja, encontrou com a moça, e o demônio começou a dizer. Esta noite medo tiveste de nós outros, e senão foram *esses grãos que trazes ao pescoço*, tu verias o que te fazíamos. Então disse o Padre. Pois por virtude *destes grãos*, com o nome de meu Senhor Jesus Cristo, e de

8 *Los Milagros de Nuestra Señora*, é uma obra de conteúdo hagiográfico, composta por uma introdução em louvor a Virgem Maria e mais vinte e cinco poemas, cada um com uma narrativa completa de um milagre. A redação foi iniciada, provavelmente, em 1246 e especula-se que somente depois de 1252 foi acrescentado na hagiografia o milagre XXIV – *La Iglesia Robada*. Sendo assim, a data mais provável de conclusão de *Los Milagros de Nuestra Señora*, é nas proximidades do ano 1253. Eles foram redigidos no dialeto riojano (ou castelhano) e no território de La Rioja, então reino de Castela. *Los Milagros de Nuestra Señora*, também, foram compostos em um duplo ambiente social: o mosteiro beneditino de San Millán de la Cogolla e a Paróquia de Berceo.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

sua gloriosa mãe, vós saireis do corpo desta moça, e pôs o Rosário no pescoço da endemoniada. Finalmente o demônio desta maneira saiu desta moça, e a deixou de atormentar. E por razão deste milagre, os daquele lugar ficaram todos muito devotos do Rosário de nossa S. e edificaram uma Capela a honra de nossa S. do Rosário, como ainda hoje está. (DIAS, 1573, p. 316-318; *grifos nossos*).

Denominando o Rosário como o colar de contas, ou “grãos”, que afasta o Demônio e sua legião de anjos Nicolau Dias busca apresentar e convencer o seu leitor das benesses da devoção frente aos desígnios malignos. Fr. Nicolau Dias deixa na entrelinhas, por meio da narrativa expressa, que o objeto Rosário, ou colar de contas, possuía a eficácia diante dos desígnios demoníacos se fosse rezado adequadamente, desse modo, constatamos que a prática do orar que possuía sua importância no discurso de Dias e não o objeto. Este objeto era apenas um instrumento para os benefícios maiores que poderia ser conseguidos pelos devotos. Cabe destacar que outras narrativas deram tal ênfase acerca do objeto Rosário e do seu uso adequado na devoção, como instrumento no combate ao Demônio.

Na narrativa *De um homem atormentado do Demônio que sarou em virtude do Rosário*, por exemplo, Fr. Nicolau Dias relata que um homem estava sendo atormentado pelo Demônio e ganhou dos pais um Rosário abençoado. Além disso, o referido homem foi inscrito em uma Confraria do Rosário. Levando consigo o objeto de devoção e recitando a oração do Rosário, o homem teria compreendido que tais atitudes conduziram a sua libertação do Demônio, uma vez que este não o atormentava mais. Em outras palavras, o Demônio teria observado a perseverança do então “neo-devoto do Rosário” (DIAS, 1573, p. 319-320) e que as novas atitudes o impediam de atormentar o homem.

Ambas as narrativas demonstram a intencionalidade de Fr. Nicolau Dias ao propor que a obstinação na devoção do Rosário afastava o inimigo de Deus e sua legião de anjos, entretanto era necessário realizar as litanias de forma adequada, pois só o objeto não tinha o “poder” de combate, propondo discursivamente a partir do não-dito (CERTEAU, 1982; ORLANDI, 2003) que obra ou objeto sem fé, nada seria⁹.

Constatou-se, também, que os embates entre as forças sagradas positivas e negativas, nas narrativas de Fr. Nicolau Dias, se faziam em períodos de vida dos indivíduos, pois em todas as hagiografias o Demônio atormenta pessoas vivas, não almas de defuntos condenados à danação. Sendo assim, depreendemos que o dominicanos tinha por objetivo conduzir seus leitores, por meio dos exemplos, à prática do Rosário pela própria alma e em vida. Além de libertar os vivos das possessões e atormentações demoníacas, a prática do Rosário, é no discurso de Dias, se recitado adequadamente, era instrumento de libertação de “pactos” com o demônio.

[...] um homem muito agastado por se ver pobre não ter com que se sustentar, nem a sua mulher e filhos [...] lhe apareceu o demônio [...] e disse-lhe que se ele quisesse arrenegar de Deus, e do Batismo, e fazer-se seu vassalo, prometendo de ser seu perpetuamente, e de disso lhe desse um assinado feito com seu sangue, que ele lhe prometia de remediar sua pobreza e fazê-lo rico [...] Feito, disse-lhe o demônio que fosse para casa e que casasse em certa parte, e acharia grande quantidade de dinheiro, e assim foi. [...] Um dia este homem foi em companhia ao mosteiro de São Domingos, e esteve a pregação, na qual o pregador repreendeu muito aos que andavam apartados de Deus, e obstinado em pecado, dizendo os grandes perigos em que andavam. Tratou também muito da misericórdia de Deus, e encomendou a devoção do Rosário, por cuja virtude nosso Senhor obrava muitas maravilhas. Todas estas coisas penetraram o coração daquele homem, e logo se fez escrever por confrade de nossa Senhora,

9 Referência a Tiago 2, 26, passagem bíblica, no qual o referido apóstolo declara em sua epístola que fé e obras precisavam estar juntas para que ocorresse a salvação entre os cristãos. Tecendo referências ao corpo humano, enfatiza que “tal como o corpo está morto se não há espírito nele, assim também a fé sem obras está morta.” (Ti 2, 26).



e começou a rezar o Rosário. E ainda que o demônio zombava dele, dizendo que lhe não aproveitava tudo aquilo nada, ele perseverava em sua devoção. Finalmente um dia com grande contrição veio a igreja de São Domingos, e posto de joelhos diante do altar de nossa Senhora do Rosário, começou a orar com muitas lágrimas, e pedir socorro a Virgem gloriosa nossa Senhora, afirmando que se não havia de tirar diante do seu altar, até não entender que nosso Senhor por sua intercessão lhe tinha perdoado seus pecados, e isto entendia se lhe tornasse a mão o escrito que tinha dado [ao demônio]. Coisa maravilhosa, perseverando este homem em sua oração com tanta humildade, viu cair da mão da imagem da Senhora seu escrito [...]. (DIAS, 1573, p. 321-324).

Verificamos, de forma recorrente no discurso de Fr. Nicolau Dias, o destaque dado à perseverança na recitação do Rosário. Para o referido dominicano a persistência e permanência do fiel na devoção do Rosário conduzia-o a libertação e afastamento do Demônio, pois tais atitudes realizariam a aproximação do fiel com a Virgem Maria.

4 CONCLUSÃO

Em suma, podemos observar na análise de algumas hagiografias constantes no *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), de Fr. Nicolau Dias, que a maior intencionalidade do autor era de conduzir e promover a recitação do Rosário. Na perspectiva de conseguir um maior número de adeptos e fazê-los compreender a importância da devoção do Rosário para a Igreja Católica, o referido frade fez uso da figura do Demônio, um “arqui-inimigo” histórico da instituição cristã. Tal uso ia ao encontro de duas perspectivas: promover a devoção e oferecer um bem de salvação possível para livrar os homens religiosos do século XVI da danação. Em um contexto histórico de fortes contendas e disputas por espaços religiosos, Fr. Nicolau Dias se expressou defensor de uma devoção católica e, principalmente, dominicana.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. **Audiência Geral:** São Domingos de Gusmão. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100203.html. Acesso em: 08/08/2017.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas:** o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CERTEAU. Michel de. A escrita da história. RJ: Forense Universitária, 1982.

CORDEIRO, André Rocha. **Mater, Virgo et Regina:** Frei Nicolau Dias e o Rosário da Virgem Maria (Portugal-1573). 2017, 180 f.. Dissertação (Mestrado em História) - Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, 2017.

DANIEL-HOPS, Henri. **A Igreja da Renascença e da Reforma.** São Paulo: Quadrante, 1999.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

DELFINO, Leonara L.. Senhora das Conquistas e das Missões: Origens da Devoção da Virgem do Rosário como Santa Mãe Protetora dos Pretos no Ultramar. **Revista Ars Histórica**, nº 6, p. 107-127, ago./dez. 2013.

DELUMEAU, Jean. **La reforma**. Barcelona: Editorial Labor, 1967.

DIAS, Nicolau. Livro do Rosário de Nossa Senhora. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.

LABARGA, Fermín. Historia del culto y devoción en torno al santo rosario. **Scripta Theologica**: revista de la Facultad de Teología de la Universidad de Navarra, Navarra, nº. 35, p. 153-176, 2003.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MARGERIE, Bertrand de. Frei Nicolau Dias O.P., (1520 -1596), Teólogo e Apóstolo do Rosário. **Revista de Espiritualidade**, Lisboa, nº. 8, p. 305-320, 1994.

MARGERIE, Bertrand de. Les grands auteurs religieux dans la littérature classique du Portugal. **Revista DIDASKALIA**, 2, vol. XXI, p. p.212-520, 1991.

MARQUES, A. H. de O. As grandes tendências da cultura. In: SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de O. (dir.). **Nova História de Portugal: Portugal do Renascimento à Crise Dinástica (Volume V)**. Lisboa: Presença, 1998.

MARQUES, João Francisco. Devoção à Paixão de Cristo. In: AZEVEDO, Carlos Moreira. **Dicionário de História Religiosa de Portugal (vol. 2)**. Lisboa: Circulo dos Leitores, 2010. p. 570-577.

MARQUES, João Francisco. Dominicanos na crise política de 1580. In: GOMES, Ana Cristina da Costa; FRANCO, José Eduardo (coord.). **Dominicanos em Portugal**: história, cultura e arte. Lisboa: Alêtheia Editores, 2010.

MISSAL Dominical Popular. Campos/RJ: Publicação da União Sacerdotal São João B. Maria Vianney, [sd], p. 440-441

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

ROLO, Raúl de Almeida. Dominicanos. In: AZEVEDO, Carlos Moreira. **Dicionário de História Religiosa de Portugal (vol. 2)**. Lisboa: Circulo dos Leitores, 2010. p. 82-88.

ROLO, Raúl de Almeida. **Nota Prévia**. In: DIAS, Nicolau. Livro do Rosário de Nossa Senhora. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.

VAIL, Anne. **A história do Rosário**. São Paulo: Loyola, 1998.